

O Globo 30.5.61

Sobre Aeromoças

Rubem Braga

«TODA mulher tem uma idade em que lhe dá a louca...» Isso é teoria de um amigo meu. Discutimos muito. Ele, afinal, concedeu que algumas se refream heróicamente até passar a crise; outras extranavegam um pouco para depois tomar tenência; e concordamos em que, tanto para a mulher como para o homem, o pior é ter a crise fora de tempo e hora, como certos casos históricos de cidadãos mineiros que foram estudantes de Direito corretíssimos e juizes austeros, pais de família exemplares, para dar vexame depois de velhos, desembargadores e cheios de netos.

Mas era de môças que falávamos e êle disse que há um momento na vida da môça da classe média (amôres contrariados, brigas com os pais etc.) em que a tolice menor que ela pode fazer é ir ser aeromoça. E' a necessidade de fuga — fuga à família, ao ramerrão, ao amorzinho crônico do namorado que não se resolve e tapeia —, fuga física e metafísica, financeira e romântica. A môça vira aeromoça.

Foi talvez pensando em uma assim que o sambista cantou: «Formiga que quer se perder cria asa...»

Despeito do sambista. A aeromoça não se perde, apenas se liberta. Voar é bom. Depois cansa: a prova é que a môça funciona apenas um ano e meio no ofício, em média, segundo as estatísticas. De qualquer modo, a coisa mais sábia jamais dita sobre aeromoças quem disse não foi meu amigo nem eu, foi o poeta Cassiano Ricardo: «Mais vale uma aeromoça em terra firme que dois pássaros no ar...»

DN - 9.9.67

352